



O relâmpago veio do céu. Jedra, ocupado pechinchando o preço de um odre novo, estremeceu quando o flash azul brilhante iluminou a comida, as roupas e os arreios ao seu redor. No mesmo instante, um trovão sacudiu todo o bazar e ecoou nas paredes de tijolos de adobe dos prédios de um e dois andares que o rodeavam.

Um pouco de conhecimento

Jedra se virou, os ouvidos zumbindo, para ver uma liteira de quatro escravos no chão a apenas alguns metros de distância, o templário obeso que carregavam limpava com raiva a areia de seu manto negro de oficial enquanto três escravos pesadamente musculosos endireitavam freneticamente a cadeira. O quarto escravo estava caído no chão, e um pedaço de areia derretida de alguns centímetros borbulhando ao lado

de seu corpo fumegante.

O escravo deve ter tropeçado e lançado o templário para fora, Jedra supôs, e o templário o matou por isso. Caso encerrado.

A atividade havia parado no bazar, mas quando outros chegaram à mesma conclusão, ela recomeçou. Jedra voltou-se para o vendedor de água, um velho elfo com um tapa-olho de couro sobre o olho esquerdo, e disse: Tudo bem, duas cerâmicas para o odre, mas apenas se estiver cheio.

O elfo olhou para Jedra, sem dúvida tentando avaliar o quão longe ele poderia empurrar aquele meio-elfo jovem e magro, mas por fim ele assentiu. "Pronto", disse ele, e encheu o saco de couro em forma de lágrima em um barril na parte de trás de seu estande, com cuidado para não derramar uma única gota, enquanto Jedra vasculhava sua bolsa em busca de dois fragmentos de moeda de cerâmica. Eles eram o resto do dinheiro de Jedra. Se ele fosse comer hoje, ele teria que encontrar trabalho ou catar algo para vender.

Pegando o odre do elfo, ele drenou um quarto de seu conteúdo em dois longos goles, depois o pendurou no ombro pela alça, o peso dele era reconfortante. Pelo menos ele não ficaria com sede hoje.

O templário já havia partido quando ele se virou novamente, assim como a liteira e o corpo do escravo. Tudo o que restou do incidente foi a pequena piscina de vidro onde o raio derreteu a areia. Sempre curioso, Jedra o chutou com a ponta da sandália e um pedaço de vidro se soltou do topo. Tinha vários centímetros de diâmetro e cerca de 2,5 centímetros de espessura no meio, mas era mais fino nas bordas.

Ele se abaixou e pegou o fragmento, então quase o deixou cair novamente quando olhou dentro dele. Lá, em meio às bolhas e estrias, dançou uma imagem minúscula de cabeça para baixo de um thri-kreen.

Ele olhou além do vidro. A criatura real estava do outro lado do caminho, seu corpo de inseto parecido com louva-a-deus de seis membros brilhando à luz do sol enquanto examinava um gythka - uma arma de haste com lâminas em cada extremidade - na barraca de um armeiro.



O thri-kreen parecia alheio a Jedra e seu vidro. Cautelosamente, para não ter menos sorte uma segunda vez, Jedra olhou através do vidro novamente, virando-se lentamente e observando enquanto o bazar de cabeça para baixo deslizava para trás. Ninguém percebeu que eles foram virados de cabeça para baixo, se é que o fizeram. Jedra estendeu a mão livre além do vidro para ver se conseguia sentir alguma sensação.

Um ponto de luz brilhante deslizou por seu pulso e, quando ele parou para olhá-lo, sentiu uma pontada repentina de calor. O vidro o havia queimado!

Jedra esfregou seu pulso, mas ele sorriu. O vidro ainda deve conter um pouco do raio que o criou. Isso pode valer algo para a pessoa certa. Ele olhou para uma barraca de especiarias coberta com ervas e raízes, uma barraca que haviam rumores de ser um canal para o mercado negro para coisas usadas na criação de magia. O proprietário provavelmente compraria o vidro dele.

Ele deu alguns passos em direção à arquibancada, então parou, percebendo que estava relutante em se desfazer de seu novo tesouro tão cedo. Um elfo mestiço sem casa e sem treinamento mágico não costumava se encontrar na posse de dispositivos maravilhosos. Ele não tinha dúvidas de que acabaria por vendê-lo, mas o dia ainda era jovem e sua fome ainda era suportável. Ele veria o que mais o vidro poderia fazer primeiro.



Ele encontrou um local tranquilo próximo ao bazar, em um beco ladeado por casas geminadas contínuas de tijolos de barro. Suas portas e janelas de madeira foram fechadas para segurar o ar fresco da noite anterior, dando privacidade a Jedra para experimentar.

Em apenas alguns minutos, ele descobriu o poder principal do vidro e o motivo pelo qual foi queimado: quando mantido à distância certa, fazia com que as coisas parecessem maiores do que realmente eram, incluindo o calor do sol vermelho acobreado de Athas. Por que a maioria das coisas permaneciam apenas imagens, enquanto o sol realmente parecia aparecer sob o vidro era um mistério, assim como o motivo pelo qual os objetos fora do alcance do vidro eram virados de cabeça para baixo.

Ele tinha acabado de acender uma folha morta - sem dúvida soprada para o beco a partir do jardim do rei, já que poucos dos homens livres que viviam nas casas geminadas gastariam de bom grado a água para manter uma planta viva - quando sentiu uma presença em sua mente, como se alguém o estivesse observando. Ele havia aprendido a confiar nessa sensação. Ele olhou para cima para ver um nobre humano de cerca de sessenta anos, seu cabelo tão branco quanto seu manto, parado na outra extremidade do beco, a boca aberta de espanto. Amaldiçoando seu descuido, Jedra se levantou e começou a caminhar rapidamente em direção ao bazar novamente. O homem deve ter visto a folha explodindo em chamas e certamente tiraria a conclusão óbvia de que Jedra estava usando o vidro para alimentar algum tipo de magia.

Obviamente, Jedra não era um templário e, por lei, apenas os templários e o próprio rei-feiticeiro tinham permissão para usar magia. Um plebeu pego praticando poderia ser vendido como escravo, ou até executado. Não acostumado com a magia ou suas implicações, Jedra nem havia considerado esse perigo.

Ele considerou isso agora. Suando de repente, ele correu para o bazar, na esperança de se perder na multidão, mas mal tinha dado uma dúzia de passos antes que o nobre recuperasse a voz. O grito de "Pare ele!" Perseguiu Jedra para fora do beco, e ele emergiu para encontrar todos olhando em sua direção. Nenhum dos dezenas de compradores fez menção de pegá-lo, provavelmente pensando que ele era um ladrão comum, mas quando o nobre emergiu do beco atrás dele gritou:

"Um mágico! Pare-o!" Eles entraram em ação.

Um meio-gigante alto e maciço com braços do tamanho das pernas de Jedra jogou um saco de grãos de um ombro assim que Jedra passou correndo, acertando-o nas costas com ele. Ele cambaleou para frente com o golpe, mas manteve o equilíbrio, apenas para se chocar contra um anão compacto e musculoso. A cabeça quadrada do anão alcançou apenas o peito de Jedra, apenas alto o suficiente para estourar seu odre novo com o impacto.

Ele se esquivou do anão, mas o bazar inteiro parecia querer pegá-lo agora. A ordem de um nobre era quase tão boa quanto a lei, especialmente uma ordem que os templários obviamente apoiariam. Ninguém na multidão desejou ser pego desobedecendo a essa ordem, para não ser acusado de ajudar na fuga. Essas pessoas frequentemente se viam compartilhando o destino de sua presa.



Jedra girou e saltou de volta para o beco, esquivando-se do anão e do meio-gigante e lançando-se sobre o nobre, mas ele derrapou até parar quando percebeu que o grito do nobre havia feito as pessoas correrem do outro lado também. Ele estava preso. Ele olhou para os lados, mas viu apenas as portas fechadas e as janelas com venezianas das casas geminadas que ladeavam o beco. Ele poderia pular para o peitoril de uma janela e de lá para um telhado? Provavelmente não, mas ele não conseguia pensar em mais nada para tentar. Ele se agachou para pular, mas quando saltou foi como se tivesse aberto um buraco no chão, em vez de se lançar à ação. Ele ouviu suspiros surpresos da multidão e olhou para baixo para ver um círculo cintilante de escuridão sob seus pés. Ele só teve tempo de gritar antes de cair.



Ele aterrissou em seus pés na sujeira compactada, mas os restos de seu salto abortivo e uma súbita onda de desorientação combinaram para fazê-lo cair esparramado. Ele estendeu as mãos para impedir a queda, e o vidro voou de suas mãos para deslizar até parar em um círculo de cinzas ao lado de um par de botas de couro escuro.

Esforzando-se para ver na luz fraca, Jedra ergueu a cabeça para descobrir a quem as botas pertenciam. Um homem baixo e magro com cabelo escuro encaracolado estava diante dele. O homem se abaixou para pegar o vidro.

"Quem é Você?" perguntou Jedra enquanto se levantava e avaliava os arredores, embora o círculo de cinzas ao redor dos pés do homem lhe dissesse muito. Ele era um mágico, e também não era um templário. Os templários extraíram seu poder do rei-feiticeiro da cidade, mas outros magos tiveram que recorrer à força vital ao seu redor. Cada vez que um mágico lançava um feitiço, ele extraía sua energia da vida vegetal e do solo fértil ao seu redor. Se um mago não fosse cuidadoso, ele extraía toda a força vital de uma área, reduzindo-a a cinzas.

O homem não respondeu. Ele examinou o vidro com cuidado, quase o deixando cair quando viu imagens invertidas da sala deslizando através dele. "Uau!" ele disse. "Então foi isso que causou toda a comoção. É trabalho seu?"

Jedra não tinha ideia de como responder. Ele olhou em volta e viu que estava em uma casa de um cômodo, com uma cama em um canto, uma mesa de tábua e duas cadeiras em outro, uma arca de madeira e armário em um terceiro canto, e uma bancada de trabalho coberta com pergaminhos e varinhas e ferramentas desconhecidas no último canto. Uma janela em uma das paredes dava para um pátio compartilhado e permitia que um raio de sol iluminasse a sala.

A janela na parede oposta estava fechada, mas Jedra podia ouvir a multidão gritando em confusão logo atrás dela. Obviamente, o homem o resgatou com algum tipo de feitiço, mas por qual motivo Jedra não conseguia adivinhar. Finalmente, ele simplesmente disse: "Talvez".

"Boa resposta", disse o homem. "Permita que eu me apresente. Eu sou Dornal, mago e membro da Aliança Velada."

Jedra considerou inventar um nome, mas parecia não haver sentido em mentir para um mago. "Jedra", disse ele.

Dornal sorriu. "Eu estava certo em resgatar você, Jedra. Você tem poderes que a Aliança adoraria aprender. Você já ouviu falar de nós, não é?"

Jedra acenou com a cabeça. Claro que sim. A Aliança Velada era supostamente uma liga de magos oposta ao rei-feiticeiro e seus templários e aos magos inescrupulosos em geral. Eles trabalharam para colocar força vital de volta ao mundo ao invés de usá-la para energizar seus feitiços. Eles eram um bando secreto em cuja existência Jedra só acreditava mais ou menos até agora.

"Eu estava olhando pela veneziana quando vi você praticando seu feitiço de queimar", disse Dornal enquanto apertava os olhos para ver as imagens no vidro. "Suponho que isso seja usado para isso também?" Ele se virou em direção à janela aberta.

"Não olhe para o sol!"

O mago baixou o vidro e estudou Jedra por baixo das sobrelhas estreitas.



"Isso magnifica as coisas. Até a luz do sol. Você poderia queimar seu olho com isso. "

"Oh." Dornal examinou o vidro com interesse renovado. "E o que você estava fazendo com ele?"

_ Experimentando.

_ É claro.

Uma mudança sutil no barulho do lado de fora fez Dornal ir até a janela e espiar pelas frestas da veneziana, então ele se virou de repente. "Eles trouxeram templários para procurar magia na área. Precisamos ir." Ele caminhou até o armário, tirou uma mala de viagem e começou a jogar roupas e objetos de valor dentro dela. O vidro relâmpago foi para a bolsa, Jedra notou.

"Ir aonde?" ele perguntou.

"Precisamos deixar a cidade por um tempo", disse Dornal.

_ Arrisquei muito em tirá-lo abertamente assim. Os templários podem rastrear o uso da magia e não gostam de ser frustrados publicamente. Eles nos procurarão por muitos dias antes de desistir.

_ Dias?

_ Isso mesmo. Portanto, seria sensato ficar fora do caminho deles até que esse tempo passe.

Dornal puxou uma túnica longa e multicolorida do armário e a jogou para Jedra. "Aqui, coloque isso."

Jedra obedeceu, vendo sabedoria nisso, pelo menos. Ele estava prestes a discutir sobre a ideia de deixar a cidade quando Dornal jogou para ele um saco de couro e disse: "Mantenha isso fora de vista."

Jedra quase desmaiou quando o abriu e viu um punhado de moedas de ouro e prata. Ele nunca havia segurado uma única peça de prata. Uma fortuna desse tamanho levaria uma dúzia de vidas para ganhar, e pelo menos uma vida para gastar. Se Dornal confiava em alguém que acabara de conhecer com tanta riqueza, então o homem devia ser um mago poderoso de fato. E se sim, então ele certamente sabia mais sobre como se manter a salvo dos templários do que Jedra. O menino tirou o odre estragado e usou a corda para prender a bolsa de dinheiro em volta do pescoço, certificando-se de que ficasse escondida sob a túnica.

Dornal jogou outro saco de dinheiro em sua bolsa de viagem, fechou-a e foi até a porta dos fundos.

"Vamos?" ele perguntou.

Jedra não tinha muita escolha, principalmente se os templários estivessem procurando por ele. "Vamos" - ele disse, e seguiu o mago para fora da porta.



Em poucas horas, ele se viu compartilhando uma cabine apertada no convés superior de uma caravana mercante que se dirigia à cidade de Tyr. Não era uma caravana, realmente, apenas um único vagão de madeira enorme puxado por dois mekillots igualmente enormes - criaturas longas, largas e semelhantes a lagartos, com pele grossa o suficiente para desviar flechas. A carroça que eles desenharam parecia um castelo sobre rodas, completo com ameias de onde os guardas podiam atirar nos invasores e feras que vagavam pelo deserto. Dentro havia um emaranhado de conveses e compartimentos com capacidade de carga suficiente para armazenar os bens de um bazar inteiro.

A carga desta carroça também incluía escravos, destinados a trabalhar - e provavelmente morrer - no zigurate que estava sendo construído para o rei-feiticeiro de Tyr. Jedra estremeceu ao pensar nas pobres criaturas amontoadas na escuridão apenas alguns conveses abaixo do seu. Não fosse pela intervenção de Dornal, ele poderia ter se encontrado em uma situação semelhante.

O cheiro seco e almiscarado de couro de mekillot se espalhou pela escotilha de um metro quadrado de sua cabine, mas fechar a veneziana teria sido pior. Eles tinham acabado de deixar a cidade, mas Jedra já estava suando com o calor e ele sabia que ficaria muito pior com o passar do dia. Eles precisavam de todo o ar fresco que pudessem conseguir, mesmo que cheirasse a poeira e lagarto.

Eles também precisavam da luz do sol que a janela admitia. Dornal estava examinando o misterioso pedaço de vidro de Jedra, segurando-o contra a luz e marcando linhas na pequena mesa que se projetava da parede oposta.

“Não parece precisar de força vital para alimentá-lo”, disse ele. “Verdadeiramente surpreendente. O que mais isso faz?”

“Você viu como isso aumenta as coisas”, disse Jedra. Ele estava sentado na beirada do único beliche da cabine, tentando não vomitar com o balanço da carroça.

_ Sim, sim, e faz com que as coisas distantes pareçam menores e de cabeça para baixo. - disse Dornal.

_ Não consigo ver a utilidade disso, a menos que você possa realmente fazer algo ficar menor e de cabeça para baixo. Existe um feitiço para isso, talvez?

_ Não sei. - disse Jedra.

_ Acho que não.

_ Você não acha. - Dornal olhou para Jedra através do vidro.

_ Sabe, está ficando bem claro para mim que você sabe muito pouco sobre este... este dispositivo. Você não fez isso sozinho, não é?

Jedra estava temendo esse momento. Ele considerou mentir, mas sabia que seria pego em um instante. Relutantemente, ele disse:

_ Não. Mas eu vi como era feito.

_ Você sabe? Me fale sobre isso. Que feitiços foram usados? - Dornal obviamente o estava testando. Cuidadosamente, Jedra descreveu como o templário invocou o relâmpago e como ele encontrou o vidro depois.

_ Um feitiço de relâmpago. - Dornal meditou quando ele terminou.



_ Sim, acho que pode haver energia suficiente em um feitiço de relâmpago para fazer algo assim, mas se o templário não o criou de propósito, então acho que ele não sabe nada mais sobre isso do que você.

_ Provavelmente não.

_ E você não sabe quase nada. Você não é um mago, é?

_ Não. - Admitiu Jedra. Esperançosamente, ele acrescentou:

_ Mas aposto que posso aprender.

Dornal riu suavemente, e sua risada enviou um arrepio na espinha de Jedra.

_ Oh, sem dúvida você poderia. Você tem potencial. Eu posso sentir isso em você. Mas não vejo sentido em treinar meu próprio competidor.

Ele acenou com o braço e Jedra sentiu seus músculos travarem no lugar. A carroça balançou, uma de suas rodas sem dúvida caindo em um círculo de cinzas que apareceu de repente embaixo dela quando o mago acima lançou seu feitiço. Incapaz de manter o equilíbrio, Jedra tombou de lado na cama.

Com esforço, ele ainda conseguia falar.

_ O que você está fazendo? Ele reclamou.

_ Recuperando o que é meu!

Dornal se ajoelhou ao lado de Jedra e tirou a bolsa de dinheiro de debaixo da túnica do menino.

_ Obrigado por carregar isso pelos guardas do portão para mim. - Ele disse, despejando em sua mão uma coleção de cristais e amuletos que teriam marcado qualquer um como um mágico à vista.

_ Eu não tinha certeza se conseguiríamos passar por eles sem contestação.

Dornal lançou algum tipo de ilusão na bolsa, Jedra percebeu. Ele chutou o mago com toda sua força, mas sua perna enfeitiçada mal se moveu.

_ Você me usou! - Ele sibilou.

_ Eu fiz. Acostume-se. Vai acontecer muito aonde você está indo.

_ Onde é isso?

Como resposta, Dornal apenas apontou para baixo. Então ele acenou com a mão novamente, e Jedra perdeu totalmente a consciência.



Jedra acordou com um calor intenso e o cheiro de dezenas de corpos suados e sujos. A única luz vinha de duas janelas gradeadas colocadas nas portas em cada extremidade do porão, as próprias portas abrindo apenas para escadas escuras, mas o menino não precisava de luz para saber onde estava. Dornal o havia vendido como escravo, provavelmente por pouco mais do que o custo de sua passagem. Ele havia retirado sua túnica também - Jedra agora usava uma culatra simples.

Ele se sentou e olhou ao seu redor. Havia vinte ou trinta outros no porão com ele, todos amarrados nos pulsos e tornozelos com pesadas algemas de couro e amarrados à parede com cordas presas às coleiras em volta do pescoço. Jedra viu que o mestre de escravos não tinha sido exigente; havia humanos, anões, um elfo, até mesmo um inseto thri-kreen.

_ O que você fez, atravessou o caminho do mestre do vagão? - Uma voz feminina perguntou.

Ele se virou e viu uma mulher humana baixa e de rosto redondo sentada ao lado dele. Ela usava um cabresto, além de sua culatra¹.

_ Eu confiei em um mágico. - Ele disse depois de um momento.

Ela riu, mas não de maneira indelicada.

_ Não é uma ideia sábia. - disse ela.

Um anão duas pessoas além dela riu maldosamente, mas não de Jedra. Com uma voz como um trovão distante, ele disse:

_ Você deveria falar, templária.

Os outros escravos riram. Jedra olhou para a mulher com espanto aberto. Ela, uma templária?

_ Errado! - Disse ela ao anão.

_ Eu era uma curandeira. Meus poderes são psiônicos, não mágicos, e para ser um templário você precisa conhecer magia.

Jedra não sabia quase nada sobre psiônicos, as habilidades mentais que algumas pessoas podiam invocar em vez de magia, exceto que tais poderes supostamente não exigiam energia vital para alimentá-los. Ele se questionava sobre sua própria capacidade de saber se as pessoas que observava eram psiônicas, mas nunca antes havia encontrado alguém que pudesse lhe dizer.

Ele estava prestes a perguntar à mulher ao lado dele, mas o anão não tinha acabado de provocá-la.

_ Você trabalhou para os templários! - ele disse.

_ Isso é praticamente a mesma coisa!

_ Escravos trabalham para os templários também! - Ela cuspiu de volta para ele.

_ Mas você foi paga por isso. Dinheiro de sangue! - disse o anão.

Jedra normalmente não teria se envolvido na discussão de outra pessoa, mas ele queria falar com essa mulher. Além disso, ele não pôde deixar de notar que, com um banho e a chance

¹ Uma saia pequena. Culatra, ou breechcloth, é aquela pequena saia que os índios americanos usavam, ou como a parte de baixo da roupa da Chun Li de Street Fighter II.



de escovar os cabelos castanhos na altura dos ombros, ela ficaria muito bonita. Foi o suficiente para fazê-lo dizer:

_ Isso importa? Somos todos escravos agora!

O anão rosnou:

_ Sim, graças a gente como ela. E talvez você também, hein? Você gosta de templários, não é?

Atordado pela súbita acusação, Jedra gaguejou:

_ Eu... claro que não... quer dizer...

Fique fora disso, a voz da mulher disse afetosamente em sua mente. Eu posso cuidar de mim mesmo. Em voz alta, ela disse:

_ Deixe-o em paz. E me deixe em paz também, ou eu mantereí sua boca fechada para você.

"Humpf", o anão bufou, mas Jedra percebeu que ele se calou.

A mulher voltou sua atenção para Jedra.

_ Então, como confiar em um mágico trouxe você aqui?

Jedra contou a ela toda a história sobre o pedaço de vidro do relâmpago, terminando com a traição de Dornal.

_ Ele disse que era um dos que usam o véu? - ela perguntou.

_ Isso mesmo.

_ Bem, essa foi a primeira mentira dele. A Aliança Velada realmente são mágicos honestos, em sua maior parte. Mas eles são reservados como ladrões quando se trata de falar sobre isso e odeiam pessoas como este Dornal.

_ Eu gostaria de ter sabido disso antes... - disse Jedra.

Ela riu de novo.

_ Todos nós gostaríamos de saber algo que não sabíamos, ou não estaríamos aqui, com certeza. Qual é o seu nome, afinal?

_ Jedra. E o seu?

_ Kayan.

Jedra olhou para cima e para baixo no porão de escravos, mas os outros escravos já haviam perdido o interesse pelos dois. Ele se inclinou perto dela como pôde. Suavemente, ele perguntou:

_ Como você fez isso, quando falou comigo em minha mente?

_ Você quer dizer enviar pensamentos? É um poder psiônico simples.

Não era bem como ouvir a voz dela, mas Jedra entendeu suas palavras perfeitamente. Sua intenção de perguntar sobre sua própria capacidade desapareceu em uma pergunta repentina e mais imediata.

_ Até onde você pode chegar com isso? - ele perguntou animadamente.

_ Depende de quão bem consigo visualizar a pessoa que estou tentando contatar. - disse ela em voz alta.

_ Se for alguém que conheço, posso falar com eles em quase qualquer lugar. Caso contrário, eles têm que estar próximos.



_ Então você pode pedir ajuda!

Ela balançou a cabeça.

_ A quem eu perguntaria? A maioria das pessoas que conheço foram as que me colocaram aqui em

o primeiro lugar. Eles achariam muito engraçado ouvir falar de mim agora.

_ Mas deve haver alguém...

_ Olha, ninguém que eu conheço vai vir atrás de uma caravana só para resgatar alguns escravos. Então, a menos que você conheça alguém...

_ O Jura-Dai faria. - a voz era alta e pura, vinda diretamente do porão onde Jedra se encontrava. Ele olhou para cima para ver um elfo olhando para ele. Seus olhos eram fechados em um rosto estreito, e seu nariz era delgado e comprido. Tudo nele era longo. Mesmo com os joelhos dobrados, suas pernas se esticavam quase até a altura de Jedra, e seu cabelo loiro avermelhado chegava ao chão, apesar de estar trançado. Ele era como uma versão exagerada do próprio Jedra, cujas feições élficas haviam sido arredondadas e encurtadas por sua herança humana.

_ O que? - Kayan perguntou.

_ Eu sou Galar da tribo Jura-Dai. Meu povo viria atrás de mim se soubessem que eu estivesse aqui.

_ Eles atacariam uma caravana só para você?

Galar riu.

_ Também há muito tesouro a bordo.

Jedra disse a Kayan:

_ Você pode enviar uma mensagem para a tribo de Galar!

Kayan balançou a cabeça.

_ Eu não conheço ninguém da tribo dele. Então, a menos que eles estejam viajando ao nosso lado, não posso alcançá-los.

_ Você poderia tentar.

_ E ficar inconsciente pelos guardas?

_ Hum? Como eles saberiam que você fez alguma coisa?

Ela olhou para ele como se ele tivesse babado no queixo.

_ Um dos guardas é psiônico. Essa é uma das maneiras de manter os escravos na linha. Ele estará atento para tentativas de fuga.

_ Oh.

A expressão de Kayan se suavizou.

_ Olha, eu tentaria em um minuto se achasse que funcionaria, mas conheço meus limites. Não consigo entrar em contato com nenhum elfo aleatório por aí. Não é assim que funciona.

Jedra acenou com a cabeça, sentindo a esperança esvaír-se dele, mas um pensamento repentino impediu seu mergulho em desespero.

_ Espere um minuto. Esses seus poderes psiônicos são algo que você pode ensinar?

_ Bem, você tem que ter alguma habilidade inerente, mas caso contrário, sim, é possível. Por que?



Jedra acenou com a cabeça na direção de Galar.

_ Você poderia ensiná-lo. Ele conhece muitos elfos.

Kayan olhou para Jedra como se ele tivesse apenas sugerido escapar por um alçapão - e então mostrou um a seus próprios pés. Mas ela tinha sido uma escrava por tempo suficiente para saber o quão debilitante a falsa esperança poderia ser.

_ Bem, - disse ela com cautela - pode valer a pena tentar.

Galar, eles logo descobriram, tinha toda a habilidade telepática de uma rocha. Ele não conseguia nem se fazer ouvir psionicamente através do domínio dos escravos, muito menos através da extensão de deserto entre ele e sua tribo. Jedra, no entanto, surpreendeu a todos. Com apenas algumas horas de treinamento de Kayan, ele aprendeu a enviar seus pensamentos para qualquer pessoa no porão, até mesmo para o thri-kreen. Seu controle era terrível - todos perto de seu alvo pretendido ouviam vozes distorcidas em suas cabeças, também - mas o poder bruto por trás de seu envio era mais do que Kayan já tinha visto antes.

_ É melhor você parar. - sugeriu ela depois que uma explosão particularmente forte atingiu metade dos escravos no porão.

_ Não há como os guardas não terem percebido isso. Eles podem não se importar com um pouco de telepatia entre os escravos, mas eles vão fazer algo a respeito se você continuar.

Jedra suspirou. Ele teve um vislumbre de algo incrível dentro de si mesmo, então disse para fechar os olhos. _ Acho que devo tentar entrar em contato com o Jura-Dai", disse ele.

_ Você admitiu que meu poder é mais forte do que o seu; eu posso ser capaz de alcançá-los.

_ Não! - Kayan bateu no convés entre eles com o punho.

_ Você não sabe do que está falando. Seus pensamentos desfocados não iriam além da primeira duna. Você tem que aprender a controlar primeiro.

Ela se encostou na parede.

_ Espere. Espere a sua vez. Mais cedo ou mais tarde, uma oportunidade aparecerá, e então talvez você possa usar seu talento.

_ Talvez. - Jedra resmungou, mas ele supôs que Kayan estava certa. Ele esperaria - um pouco.

Ele logo aprendeu que a maneira mais fácil de esperar - e escapar do calor - era passar o máximo de tempo possível inconsciente. Ele se encostou na parede e deixou o rangido do vagão o embalar para dormir.



Jedra flutuou de bruços em uma poça d'água. O fundo estava muito fora de alcance, mas a água era tão clara que apenas um leve tremeluzir lhe dizia que ele enxergava tudo, menos o ar. Ele vagou pacificamente, observando sua sombra deslizar sobre a areia abaixo, mas quando outra sombra encobriu a sua própria e ele se virou para ver o que a projetava, ele se viu subitamente afundando.

Ele bateu os braços e as pernas, mas a água não o sustentava. Ele não estava respirando à deriva; agora ele precisava respirar desesperadamente, mas não conseguia.

A sombra estranha se estendeu em direção a ele, e de repente Jedra sentiu uma mão agarrando seu braço, puxando-o para cima. Sua cabeça apareceu na superfície e ele engasgou, piscando espantado com seu salvador. Era Galar, ainda preso pelos pulsos, mas atrás dele Jedra podia ver uma tribo inteira de elfos. Ele viu suas barracas de cores alegres, seus rebanhos de animais de carga longos, semelhantes a besouros, chamados kanks, suas crianças esbeltas brincando na areia.

Jedra sentou-se sobressaltado, momentaneamente desorientado por se encontrar de volta ao porão de escravos da caravana mercante. Ele tinha visto uma tribo de elfos! Ele ainda podia vê-los claramente em sua mente.

Será que seu cérebro adormecido poderia ter usado algum tipo de visão psiônica para localizar o Jura-Dai? Era possível. Kayan disse a ele que ele tinha outras habilidades não treinadas além da telepatia. Jedra se virou para perguntar a ela, mas ela ainda estava dormindo, e agora que ele estava usando os olhos novamente, a imagem em sua mente começou a desaparecer. Ele fechou os olhos e tentou se concentrar. Sim, lá estavam eles, uma tribo inteira de elfos acampada perto de um oásis no deserto. Ele ainda podia vê-los, mas sabia que não poderia segurá-los por muito tempo.

Era agora ou nunca, ele percebeu. Concentrando-se fortemente nos elfos em sua visão, ele tentou focar seus pensamentos da maneira que Kayan o ensinou. Ele sentiu um toque de reconhecimento, uma leve pontada de "contato". Foi o suficiente. Ele convocou toda a energia que pôde reunir em um único pensamento:

Galar do Jura-Dai é mantido em cativeiro em uma caravana um dia fora de Urik na estrada para Tyr.

A retribuição veio de repente e com tal intensidade que Jedra gritou como se estivesse sendo queimado vivo, pois era exatamente assim que parecia. Ele se contorceu de agonia, sentindo sua pele descascar em folhas de nome. A dor era pior do que qualquer coisa que ele imaginou ser possível, e continuou e continuou, muito mais tempo do que se ele estivesse realmente pegando fogo. Um incêndio real já o teria matado.

Então, tão repentinamente quanto havia surgido, a dor foi embora. Jedra desabou no convés, ofegando por ar.

Kayan o ergueu para embalar sua cabeça em seu colo.

_ Você tinha que tentar. - disse ela.

_ Sonho. - Jedra sussurrou através da memória da dor.

_ Eu vi os elfos em um sonho, vi minha chance.



_ Sua chance de punir todos nós. - o anão rosou, olhando para a porta com cautela, mas nenhum guarda apareceu.

Galar olhou para Jedra e perguntou:

_ Você os alcançou?

_ Não sei. - Todo o corpo de Jedra estremeceu involuntariamente com a liberação da tensão.

_ Eu não saberia dizer.

Galar perguntou a Kayan:

_ Será que ele realmente os encontrou em um sonho?

Ela encolheu os ombros.

_ Quem sabe? É possível, suponho. O que você viu?

Jedra descreveu o acampamento, com suas tendas coloridas e currais cheios de kanks.

_ Tendas coloridas? - perguntou Galar.

_ Vermelho, verde e amarelo, com bandeiras azuis e amarelas voando em seus picos. - disse Jedra.

Galar balançou a cabeça tristemente.

_ Eu não sei quem você viu, se é que você viu alguém, mas as tendas dos Jura-Dai são da cor da areia. A única marca deles é o totem da tribo nas paredes. - Galar estendeu seu braço para mostrar a eles uma tatuagem em seu pulso: uma nuvem de chuva estilizada e angular com punhais como gotas de chuva.

_ Oh. - Jedra sentou-se.

_ Eu fui estúpido. Sinto muito.

_ Não sinta. - disse Kayan.

_ Você não sabia. Eu provavelmente teria feito a mesma coisa na sua posição.

_ Eu não sabia. - disse Jedra mal-humorado.

_ Isso está começando a soar como o meu lema...

_ Não seja tão duro consigo mesmo. - disse ela.

_ Você está aprendendo.

_ Ah, sim. Serei um mestre quando morrer no zigurate. - com isso, Jedra se virou e se recusou a responder a qualquer palavra de conforto.



O vagão avançou. Exausto, Jedra dormiu, desta vez sem nenhum sonho com elfos, e quando acordou já era de manhã. Os guardas trouxeram canecas de madeira com água e tigelas de mingau ralo, mas Jedra mal tinha comido metade da sua antes de soltá-lo e conduzi-lo para o convés superior do vagão. Ele esperava ser levado ao psiônico e repreendido novamente por sua ofensa, então ele ficou surpreso quando o guarda o trouxe para a cabine que ele havia compartilhado por tão curto tempo com Dornal. O guarda bateu e o próprio mago abriu a porta.

_ Bem, olá. - disse Dornal, dando um passo para o lado.

_ Entre. - o guarda deu um empurrão em Jedra, e ele cambaleou para dentro da sala.

_ Obrigado. - disse Dornal, jogando uma moeda de prata para o guarda. Jedra engasgou. Provavelmente era mais dinheiro do que o homem ganhava em um mês. Dornal estava obviamente comprando seu silêncio. Com certeza, o guarda saiu e fechou a porta atrás de si.

_ Você estava escondendo de mim. - disse Dornal, quase coloquialmente.

_ Você não deveria ter feito isso, porque agora terei que usar métodos menos sutis para extrair as informações de que preciso. - ele acenou com as mãos, e Jedra mais uma vez sentiu seus músculos travarem no lugar.

O vagão deu uma guinada. Ele se sentiu tombar para frente e instintivamente tentou estender as mãos para manter o equilíbrio. Aleijado pelo feitiço, seus braços não se moveram, mas mesmo assim manteve o equilíbrio, e Dornal, diretamente à sua frente, cambaleou para trás como se Jedra o tivesse realmente empurrado.

_ O que é isso? - o homem perguntou, espantado. Ele se endireitou e balançou os braços novamente, exatamente quando Jedra tentava freneticamente imaginar um punho batendo no mago. Dornal balançou para trás sobre os calcanhares com o golpe, mas o feitiço de amarração renovado amorteceu o garoto com a força de um punho de gigante - ele caiu de cara no convés com um baque retumbante. O sangue jorrou de seu nariz e foi como se ele tivesse mordido a língua.

_ Seus pequenos truques lamentáveis não vão ajudá-lo, garoto. - Dornal rosou, chutando Jedra repetidamente até que o meio-elfo quase desmaiou de dor pelas costelas quebradas e o crânio fraturado. Jedra tentou gritar, mas o feitiço não permitiu. Ele tentou golpear psionicamente, mas a dor o impediu de se concentrar.

Finalmente satisfeito por Jedra ter sido subjugado, Dornal o arrastou pelos calcanhares para a mancha de sol que brilhava pela vigia. Jedra sentiu o calor em suas costas nuas, então uma queimação repentina. Dornal estava usando o vidro relâmpago nele.

_ Agora, - disse Dornal - você vai me contar tudo o que sabe.

Ele relaxou o feitiço de amarração o suficiente para permitir que Jedra falasse, e o menino soltou um grito longo e gorgolejante. Por fim, ele encontrou sua voz.

_ Pare! ele gritou, virando a cabeça o suficiente para ver o mago ajoelhado sobre ele.

_ Eu direi o que você quiser!

_ Você vai me dizer a verdade, - disse Dornal, puxando o ponto de calor lentamente nas costas de Jedra - começando com quais outros poderes você tem e como você os invoca.



Amaldiçoando e chorando de dor, Jedra disse a Dornal o pouco que ele sabia, mas o mágico obviamente não acreditou nele. Ele segurou o vidro nas costas do menino, exigindo mais, até que Jedra desejou ter algum conhecimento oculto para dar a Dornal para que a tortura acabasse.

Por fim, Jedra gritou:

_ Não sei mais! Mate-me ou deixe-me ir, mas pare de me machucar.

Dornal se afastou da luz do sol e limpou o suor da testa com a ponta da mão.

_ Você não está em posição de fazer exigências - disse ele - por outro lado, estou começando a achar que você está dizendo a verdade.

Ele deu uma última queimadura em Jedra só por maldade, depois foi até a porta e gritou para o guarda colocar o menino de volta no porão.



Desta vez, seus ferimentos eram reais. Jedra estava vagamente ciente de estar preso novamente, de mãos quentes o tocando, de Kayan e Galar discutindo seus ferimentos, mas ele estava além de se importar. Ele queria apenas morrer.

Até a morte foi negada a ele. Jedra sentiu a força voltando para ele com a mesma implacabilidade com que havia sido arrancada, curando e revitalizando suas feridas. Demorou. Ele estava ciente do vagão movendo-se novamente e do dia passando para a noite. Ele estava ciente de Kayan o segurando durante todo o tempo. Ela estava fazendo isso, ele sabia. Ela estava emprestando a ele sua força.

Ele acordou com o amanhecer, dolorido e faminto, mas curado. Kayan parecia abatida de fadiga. Quando os guardas chegaram com comida e água, ele a fez comer e beber a maior parte dos seus, apesar de seus protestos de que ele precisava tanto quanto ela.

_ Você me deu muita força. - disse ele. Então, mais suavemente, "Eu não sabia que tal coisa era possível."

_ Claro que é. - disse ela.

_ É assim que a cura funciona. Todos os meus poderes são assim. Compartilhar pensamentos, compartilhar habilidades, compartilhar saúde - é tudo a mesma coisa.

_ Capacidade de compartilhar?

Ela encolheu os ombros.

_ Bem, se você tem algo que pode fazer, mas eu não, e se eu tenho algo que posso fazer, mas você não, então podemos colocar nossas cabeças juntas e fazer os dois ao mesmo tempo.

Jedra podia sentir uma excitação repentina crescendo dentro dele.

_ E se você tentar compartilhar a mesma habilidade? Fica mais forte?

_ Depende do que você está tentando fazer. Por quê?

_ O que aconteceria se nós dois tentássemos chamar o Jura-Dai?

Kayan bufou.

_ Você não vai esquecer essa ideia? Não foi o suficiente que você quase se matou?

_ Não se pudermos fazer funcionar desta vez. Olha, você tem o controle de que precisamos para realmente alcançar alguém. Tenho o poder de nos levar até lá, mesmo que não saibamos exatamente quem estamos procurando. Eu estava perto da última vez, eu sei que estava. Um pouco mais de controle e eu teria feito contato.

_ Você acha?

_ Eu sei.

_ Se você estiver errado, então nós dois sofreremos a reação dos guardas. Não posso te curar de novo se também estiver ferida.

O anão disse:

_ Se ele está certo ou errado, é melhor você ser capaz de cuidar dos guardas antes de tentar qualquer coisa. Outra tentativa de fuga e eles provavelmente vão punir a todos nós. E se o fizerem, eu prometo a você, você vai se arrepender.

_ Precisamos tentar algo. - disse Jedra.

_ Precisamos escapar dessa caravana antes de chegarmos a Tyr.



_ Não tenho objeções a fugir, - disse o anão - apenas certifique-se de escapar quando você tentar, no entanto.

_ Ele está certo, - disse Kayan - é uma longa viagem. Podemos esperar por uma oportunidade melhor.

_ Eu não quero esperar!

_ Bem, você vai ter que fazer isso, - disse ela - porque não vou ajudá-lo a se machucar de novo!

Jedra olhou para Galar em busca de ajuda, mas o elfo apenas estendeu as mãos esguias em um gesto que dizia tão claro quanto palavras: "O que podemos fazer?"



Por volta do meio-dia, a caravana chegou a um posto avançado. Os escravos podiam ouvir gritos de alegria dos guardas do vagão, mas esses gritos logo se transformaram em desânimo quando os guardas viram que o posto avançado havia sido invadido recentemente. O vagão parou apenas o tempo suficiente para os guardas vasculharem as ruínas e depois começou a andar novamente. Naquela noite, quando trouxeram água, as canecas estavam apenas meio cheias. Quando os escravos reclamaram, um dos guardas rosnou:

_ Fique feliz que tem algo. Os invasores envenenaram o poço. Estamos todos com meia ração até chegarmos ao próximo posto avançado.

Os escravos já estavam recebendo o mínimo, metade disso mal bastava para mantê-los vivos. Eles sobreviveram mais um dia e meio antes de uma tempestade de areia explodir do deserto profundo e forçá-los a parar, e lá eles permaneceram por mais dois dias, ouvindo o uivo do vento carregado de areia batendo contra as escotilhas fechadas do vagão. No segundo dia, eles não receberam água alguma.

Suas bocas e línguas estavam muito inchadas para permitir a fala. "Eles desistiram de sua carga", disse Kayan na mente de Jedra quando a hora da água da noite chegou e passou sem nenhum guarda aparecer. Agora eles estão acumulando o que resta para eles.

Acho que é hora de tentarmos pedir ajuda, respondeu Jedra.

_ Não.

_ Por que não? Não temos nada a perder, temos?

_ Vamos morrer neste porão em um ou dois dias, a menos que façamos alguma coisa.

Kayan não disse nada. Jedra podia ouvir sua respiração difícil no escuro, ao lado dele.

_ Vamos pelo menos dizer que morremos tentando.

Depois de muito tempo, ela respondeu:

_ Vamos ver se podemos tentar viver para contar a respeito.

A convergência parecia um pouco com o compartilhamento de pensamentos, mas desta vez sua consciência combinada cresceu até que se sentiram como um único ser incrivelmente poderoso. O domínio do escravo adquiriu uma qualidade cintilante, não muito substancial, como se o Jedra e Kayan ligados existissem em um plano superior que estava apenas vagamente ligado à realidade. Parecia muito com o sonho subaquático de Jedra quando ele viu os elfos.

Ao contrário de seu sonho, eles podiam se mover livremente, direcionando sua atenção para onde quisessem. Cautelosamente, para não alertar o guarda psiônico de sua presença, eles passaram pelas paredes da carroça e saíram para o deserto, em busca de uma tribo de elfos.

A tempestade de areia era um sussurro de movimento, nada mais. No sonho, Jedra e Kayan se tornaram um pássaro veloz e de asas elegantes voando sobre o deserto. As mentes de outros viajantes eram grandes funis por onde eles podiam deslizar, apenas para se descobrirem olhando com olhos estranhos para o interior de vagões ou tendas. Nenhum pertencia aos elfos que procuravam. Eles procuraram em espirais cada vez maiores, deixando a tempestade para trás e acelerando sobre as dunas mais rápido do que qualquer pássaro real poderia voar, subindo cada vez mais alto para ver mais deserto de uma vez - até que, finalmente, encontraram um enorme poço que descia em direção a dezenas de tendas armadas na base de uma duna montanhosa.



As tendas teriam sido difíceis de localizar se a paisagem dos sonhos não as tivesse exagerado desproporcionalmente, pois eram da mesma cor amarelo acinzentada da areia. Suas paredes eram decoradas com adagas estilizadas de chuva de nuvens que Galar lhes havia mostrado.

_ Encontrei-os! Eles pensaram juntos. Eles caíram em direção à tenda maior, sentiram-se atraídos pela mente do elfo lá dentro e olharam através de seus olhos para ver um bardo tocando harpa para uma dúzia ou mais de elfos reclinados em tapetes de tecido. As roupas dos elfos compensavam a falta de cor em suas tendas; homens e mulheres usavam blusas e calças largas nas cores do arco-íris. A vida no deserto escureceu sua pele coriácea até um marrom profundo.

Os anfitriões de Jedra e Kayan perceberam sua presença, e rapidamente os dois enviaram a mensagem: "Galar do Jura-Dai é um escravo em uma caravana apanhada em uma tempestade de areia cinco dias a partir de Urik para Tyr.

Eles não tiveram tempo de ouvir uma resposta. A tenda e seus ocupantes giraram como se fossem fumaça soprada pelo vento, e de repente Jedra e Kayan estavam à deriva no deserto novamente. O guarda, eles perceberam. Ele ouviu nosso envio.

Um redemoinho dançou através das dunas em direção a eles: o ataque do guarda em suas mentes tornado visível na paisagem dos sonhos. Kayan e Jedra tornaram-se pássaros novamente, entrando e saindo do redemoinho, procurando algum sinal de fraqueza onde pudessem fazer um ataque por conta própria.

_ Dentro, - a parte que ainda era Kayan disse - diretamente em sua mente.

Eles voaram para cima e para baixo pelo centro do funil. O redemoinho se contorceu como uma cobra, tentando jogá-los para fora, mas eles eram mais rápidos. Quando eles alcançaram o ponto do funil, eles ficaram maiores e espalharam suas asas para fora com a força que Jedra havia descoberto quando Dornal o atacou. O redemoinho girou em fragmentos, deixando uma sombra escura de si mesmo em seu lugar. Jedra e Kayan deslizaram para a sombra e se encontraram em uma caverna silenciosa e desprotegida. Eles haviam deixado o guarda inconsciente.

_ Mate-o! - disse Jedra.

_ Não, cure-o para que ninguém mais saiba que algo aconteceu. - Kayan respondeu, incluindo ele mesmo.

Eles abriram caminho através das cavernas escuras da mente do guarda, lacrando seções inteiras enquanto passavam. Eles o deixaram manter apenas a habilidade psiônica suficiente para monitorar os escravos, mas não o suficiente para prejudicá-los, e bloquearam sua memória da batalha completamente. Eles o deixaram roncando pacificamente em sua cabine, então dissolveram seu vínculo.

Sair da convergência parecia perder metade de sua inteligência. Jedra queria se juntar novamente imediatamente, mas o novo cansaço em seu corpo desidratado o advertiu de que ele já havia pago um preço alto o suficiente por seu aprimoramento temporário. Fazer de novo teria que esperar dias melhores.



A tempestade de areia explodiu durante a noite e o vagão partiu novamente no dia seguinte, alcançando outro posto avançado ao anoitecer. Este ainda estava de pé e, pela primeira vez em três dias, os escravos receberam água. A força deles voltou lentamente, e Jedra e Kayan começaram a ter esperanças de sobreviver por tempo suficiente para saber se seus esforços haviam dado certo ou não.

Os outros escravos nem mesmo sabiam a princípio o que Jedra e Kayan haviam feito, mas como eles já haviam se safado, os dois finalmente decidiram contar aos outros prisioneiros. No início, os outros estavam cautelosamente otimistas, mas quando outro dia se passou sem ação, seus humores começaram a ficar ruim.

_ Os elfos não virão. - disse um deles.

_ Nós nem sabemos se eles existem. - disse outro.

_ Deveríamos ser mais espertos do que confiar em um garoto meio-elfo. - Um terceiro murmurou.

_ Um meio-elfo e uma templária, - acrescentou o anão - nos alimentando com falsas esperanças para que pensássemos que eles estavam conosco.

Galar falou. "Se meu povo ouviu o chamado, eles virão."

_ Eles ouviram. - disse Jedra.

_ Dê-lhes tempo, eles estavam muito longe. - Mas por dentro ele se perguntou. Eles viriam?

Ele teve sua resposta naquela noite, quando uma comoção repentina irrompeu no convés superior. Gritos e batidas de pés correndo ecoaram pelas escadas, e o vagão deu uma guinada e parou quando um estrondo de trovão cortou o ar.

_ Ligue-se! - Kayan sibilou, e quase imediatamente ela e Jedra estavam de volta à convergência. O vagão ficou sem substância e a consciência deles deslizou para longe e para cima para assistir a batalha.

O deserto estava coberto de elfos e seus kanks semelhantes a besouros. Os invasores armados flanqueavam como formigas pelas laterais da carroça, atacando os guardas com espadas e dominando-os em grande número. Uma águia prateada com asas iridescentes voou pela paisagem dos sonhos, cuspidando fogo sobre os defensores. Os elfos também tinham um psiônico, ao que parecia. Um minúsculo redemoinho se ergueu em sua direção - a guarda do vagão muito diminuída retornando o ataque - mas, mesmo quando eles se juntaram à batalha, um terceiro guerreiro entrou no sonho.

Ele veio como um morcego preto gigante, mas a textura do morcego era diferente da águia e do redemoinho. Tinha uma imprecisão de contornos suaves, como se fosse de alguma forma menos substancial do que os outros, e seu rosto era reconhecidamente humano.

_ Dornal! - Jedra percebeu.

_ Ele também tem poder psiônico?

_ Ele está lutando com magia. - disse Kayan.

_ É por isso que ele não se parece com os outros.



Sua insubstancialidade na visão psiônica evidentemente não afetou sua habilidade de entrar na briga. O morcego passou por cima da águia e do redemoinho, cuspidos raios à sua frente como lanças. Ele atacou indiscriminadamente, explodindo ambos com vários ataques até que a águia caiu fumegando do céu e o redemoinho se dissipou no nada.

Em seguida, voltou sua atenção para Jedra e Kayan.

Eles estavam pairando acima como um pássaro novamente, mas quando o morcego se ergueu em direção a eles, seu intelecto combinado formou uma barreira, uma lâmina de vidro que prendeu a fúria do relâmpago e manteve o morcego à distância.

"Vidro relâmpago!" - Jedra pensou. Exultante com suas novas habilidades, ele dobrou o vidro para coincidir com a forma da peça que descobrira no bazar e, de repente, o morcego embaixo dele brilhou quente, flamejou e desapareceu em uma nuvem de fumaça gordurosa.

A paisagem do sonho tremeu como se apanhada por um terremoto, e Jedra e Kayan saíram da convergência para encontrar o porão de escravos cheio de invasores élficos, dois dos quais estavam cortando suas amarras.

O líder dos elfos, um guerreiro fortemente musculoso que sangrava por meia dúzia de golpes de espada, avançou para o porão. Ele sorriu quando viu Galar e disse:

_ Você parece morto em pé!

_ Você também! - Galar respondeu, e os dois se abraçaram como irmãos há muito perdidos.

_ Vocês podem ir, estão todos livres, - disse o guerreiro elfo aos escravos - mas não levem nada com vocês. Tudo nesta carroça agora pertence aos Jura-Dai.

Galar acenou com a cabeça para Jedra e Kayan.

_ Estes são os que o chamaram aqui. - disse ele.

O guerreiro curvou-se para o meio elfo e a humana.

_ Nesse caso, você pode levar o que quiser e pode viajar com os Jura-Dai até chegar à segurança de sua própria espécie.

_ Obrigado. - disse Jedra.

_ Há uma coisa em particular que eu gostaria de recuperar. - ele pegou a mão de Kayan e a conduziu para fora do porão de escravos, subindo por escadas estreitas entupidas de elfos que já transportavam a carga do vagão para o convés de passageiros.

A fumaça vazou por baixo da porta da cabine de Dornal. Eles a abriram com cautela, prendendo a respiração contra o fedor de carne queimada, e olharam de lado para ver o corpo do mago caído no chão, sua carne carbonizada se curvando por causa dos ossos expostos.

Horrorizado com o espetáculo, mas incapaz de desviar o olhar, Jedra entrou na sala. O chão quase não estava chamuscado ao redor do corpo; era como se o mago tivesse queimado de dentro para fora.

_ Como poderíamos ter feito tal coisa? ele sussurrou em sua mente.

_ Talento selvagem pode ser imprevisível. - Kayan respondeu.

Jedra olhou para o corpo até ser forçado a respirar, então finalmente disse:

_ Acho que precisamos domesticá-lo, então.



O vidro relâmpago estava no chão perto de uma mão enrugada. Jedra o pegou e se virou, mas a mala de viagem de Dornal aberta no beliche o fez parar. Ele a virou e, junto com as roupas, caíram dois pequenos sacos de couro. Um continha amuletos mágicos e o outro estava cheio de dinheiro.

Jedra pegou os dois e saiu da sala. Provavelmente serão úteis para onde estamos indo, disse ele enquanto fechava a porta atrás de si.

_ Onde fica isso? - Kayan perguntou em voz alta.

_ Em algum lugar onde possamos encontrar um verdadeiro membro da Aliança Velada. - disse ele. Ele liderou o caminho para fora do interior do vagão e desceu a prancha até a areia onde os elfos estavam empilhando seu butim.

Kayan piscou com o brilho repentino.

_ Por que a Aliança? - ela perguntou.

_ Porque ainda há muito que não sabemos. - respondeu Jedra. Ele viu sua perplexidade e continuou.

_ A ignorância me meteu nesta confusão. Se não fosse por você, eu nunca teria saído dela. Mas mesmo agora eu sei apenas o suficiente para ser perigoso. Se eu... se nós vamos sobreviver neste mundo, então precisamos dominar as forças que o moldam e, para isso, precisamos de um mentor.

_ Nós? - ela perguntou.

Jedra sorriu.

_ Bem, depois de tudo que passamos, eu só... estou presumindo algo que não deveria?

Ela balançou a cabeça e sorriu.

_ Não. "Nós" soa bem para mim.

Fim